

da maldade diabólica. Era preciso tratá-las, não mandá-las à tortura e à fogueira:

“Numerosas e desgraçadas jovens nunca prevaricaram e devem ser consideradas criaturas melancólicas ou, ainda epilêpticas; a maior parte dos atos dessas infelizes são claramente imaginários; elas confessam ante a fogueira culpas que somente lhes são conhecidas através dos sonhos.” (*apud* Beauchesne, 1986)

Mais que todos esses defensores do bom senso, a polémica de Menghini precisava enfrentar os efeitos da obra de outro médico, Livin Lemmens (Levinus Lemnius, 1505-1568) publicada em Zurique, em 1558 e editada em italiano em 1560 e em 1561, *Occulta Naturae Miracula*... Era um texto que desenfitejava o mundo diabólico criado pelo fanatismo de Sprenger.

Lemnius declara explicitamente que, embora alguns acreditem no contrário, “*humores, non malos Genios morbos inducere... Melanconicos, Maniacos, Phreeneticos non a malo infestoque Genio divexari, nec daemone sui instinctu, impulsuque illos ista peragere, sed vi morbi, humorumque ferocia, qua tanquam face subdita, mens hominis exardescit atque inflammatur...*”, ou seja:

“São os humores e não os Gênios do mal que causam as doenças... Os Melancólicos, Maniacos e Frenéticos não são atacados por algum Gênio mau e hostil. Nem são eles afetados por essas coisas por inspiração ou instigação do demônio, mas por força de uma doença e pela violência dos humores graças aos quais, como tomada por uma chama, a mente do homem se inflama e se enfurece...” (*Occulta naturae...* (1561), *apud* Franceschini, O. (1987), pg. IX)

III.

O ENFOQUE MÉDICO DA LOUCURA